

ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO JOVEM E DO BRASIL NO DISCURSO HUMORÍSTICO

ASPECTS OF IDENTITY CONSTRUCTION OF THE YOUTH AND
BRAZIL IN HUMOROUS SPEECH

ANA CRISTINA CARMELINO

Universidade Federal do Espírito Santo

anacriscarmelino@gmail.com

O objetivo principal deste artigo é verificar quais aspectos identitários sociais e culturais são manifestados nos discursos de guias ilustrados da revista humorística *MAD*. Para isso, analisamos as edições impressas desse periódico publicado no Brasil, em 2011. O referencial teórico adotado para fundamentar o estudo é a noção de identidade sob o viés da Análise Crítica do Discurso e dos Estudos Culturais. Conforme essas abordagens, os atos de linguagem e as formas de agir orientam o processo de apreensão do mundo social e desvelam identidades sociais e representações culturais. Os resultados obtidos após a análise das orientações contidas nos guias revelam aspectos da construção identitária do jovem e do Brasil.

Palavras-chave: identidade; jovem; Brasil; guia ilustrado; revista *MAD*.

The main objective of this article is to verify which social and cultural aspects of identity are manifested in the speeches of illustrated humor cartoons of the magazine *MAD*. With that aim, printed editions of this journal published in Brazil in 2011 were analyzed. The

Recibido:

15/1/13

Aceptado:

24/2/13

theoretical approach used to substantiate the study is the notion of identity under the bias of Critical Discourse Analysis and Cultural Studies. According to these approaches, acts of language and ways of acting guide the process of apprehension of the social world and unveil social identities and cultural representations. The results obtained after the analysis of the cartoons reveal aspects of identity construction of the youth and of Brazil.

Key words: identity; youth; Brazil; illustrated guide; *MAD* magazine.

1. INTRODUÇÃO

Utilizamos cotidianamente a linguagem para configurar valores, vincular princípios sociais. Ao fazermos isso, pela força discursiva e por uma série de outras razões, revelamos modos de ser e estar no mundo, representações culturais, identidades sociais. Tais representações, criadas, sobretudo, por atos discursivos, mantêm relação direta com a produção dos discursos sociais. Nesse sentido, o discurso tem papel central como força mediadora dos processos de construção de identidades sociais.

Partindo dessas considerações, este texto visa a refletir sobre aspectos culturais e identitários manifestados nos discursos de guias ilustrados da revista humorística *MAD*, levando-se em conta, na análise, as edições impressas no Brasil, em 2011.

A revista norte-americana *MAD* tem como público-alvo o adolescente, embora seja lida também por adultos. Conhecida especialmente por fazer sátiras de aspectos da cultura popular, no Brasil esse periódico mensal começou ser publicado na década de setenta e passou por quatro séries distintas ao logo do tempo. Assim como os diversos gêneros que compõem esse periódico, os guias ilustrados são impregnados de um humor tosco e irreverente.

Os pressupostos teóricos adotados para fundamentar o estudo advêm do diálogo de duas áreas do conhecimento, tendo em vista que consideramos a noção de identidade sob o viés dos Estudos Culturais, a partir de Hall (2006, 2007), e da Análise Crítica do Discurso, especialmente a partir de Fairclough (2001) e Moita Lopes (2003).

Conforme essas perspectivas teóricas, as identidades culturais e sociais ligam-se ao processo de apreensão do mundo social e são constituídas por meio da linguagem. Desse modo, não apenas os atos de linguagem, mas, também, as formas de agir orientam o processo de apreensão do mundo social, uma vez que ambos se dão na sociedade e são moldados por ela. Além de enfatizarem que os sujeitos são posicionados ideologicamente, tais teorias consideram que os sujeitos são capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas ideológicas a que são expostos, e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadas.

Sabendo-se que nenhum texto é essencialmente neutro e que as produções humorísticas podem ser fonte de discurso social, as instruções contidas nos guias ilustrados da *MAD* ressaltam características bem marcadas de identidade e de direções culturais singulares acerca do jovem, independentemente das variáveis gênero/sexo, escolaridade e classe social, e do Brasil.

Para tornar clara a exposição dos dados, achamos fundamental, em um primeiro momento, tecer algumas considerações sobre a revista humorística *MAD* e o gênero guia ilustrado. Depois, apresentamos as bases teóricas e as análises, buscando revelar quais representações culturais e identidades sociais emanam das instruções e dos conselhos dos guias examinados.

2. A *MAD* E O GUIA ILUSTRADO

A revista de humor norte-americana *MAD* foi criada em 1952 por Gaines e Kurtzman¹. Com propósito de veicular, entre os adolescentes, histórias com a intenção de levá-los à loucura, o periódico ganhou dimensão ao satirizar aspectos da cultura popular americana.

¹ Um dos pioneiros em retratar horror, ficção científica e HQs satíricas, o americano Maxwell William “Bill” Gaines foi editor e coeditor EC Comics. Harvey Kurtzman, cartunista e editor de revistas norte-americanas, ficou conhecido pela criação da revista *MAD* e de seu mascote, Alfred E. Neuman.

A história da *MAD*, de acordo com o relato de Barros², é bastante curiosa. Em 1955, começou nos Estados Unidos uma perseguição aos gibis de terror considerados *barra-pesada* demais por psicólogos, pedagogos e autoridades, por incitarem a delinquência juvenil. A esse massacre, a única revista sobrevivente foi a *MAD*, porque alterou seu formato, ludibriando a censura: a partir do n. 24, transformou-se de um gibi de 32 páginas em cores a uma revista em formato maior, com mais páginas e em preto e branco. O resultado foi tão positivo que a nova versão passou a fazer mais sucesso que a anterior.

Convém registrar que, ao longo do tempo, a *MAD* ganhou versões em dezenove países, no entanto, hoje ela continua a ser publicada em apenas nove, a saber: Alemanha, Austrália, Estados Unidos, África do Sul, Brasil, México, Espanha, Finlândia e Hungria.

No Brasil, a primeira publicação da *MAD* foi em 1974, por Barros, mas a revista só obteve sucesso a partir do n. 16, quando a produção de material nacional começou a mesclar-se às traduções e adaptações. Ao longo de sua história, a versão brasileira passou por quatro editoras: Vecchi (1974-1983), Record (1984-2000), Mythos (2000-2006) e Panine (desde 2008). A que nos interessa é a última série, editada atualmente por Raphael Fernandes.

Ao versarmos sobre a *MAD*, merecem destaque alguns elementos que lhe são característicos, quais sejam: a diversidade de gêneros discursivos que a compõe, ainda que tenha sido consagrada como uma revista de quadrinhos; a arte, tendo em vista que os exemplares são impecavelmente ilustrados; e o humor, que se apresenta ora tosco, ora agressivo, ora irreverente, ora inteligente (Carmelino 2011).

2 Conhecido artisticamente como Ota, Otacílio d'Assunção Barros, cartunista e quadrista, foi editor responsável pela revista *MAD* no Brasil de 1974 a 2008. Informações disponíveis em http://www.micromania.com.br/mad/historia_1.htm.

A despeito do guia ilustrado da *MAD*, objeto de nosso estudo neste artigo, observamos que não se trata de um gênero textual/discursivo simples de se caracterizar em função de uma série de especificidades que ele apresenta. Sendo assim, começemos por entender o que vem a ser “guia”.

O guia consiste em uma “publicação de instruções ou orientações sobre algum assunto particular ou serviço” (Borba 2002), cujo propósito é, segundo entendemos, orientar a realização de uma ação ou várias ações (a partir de normas, dicas ou conselhos), prescrever comportamentos ou instruir sobre um assunto específico.

O guia ilustrado da revista humorística *MAD* é um subtipo do protótipo guia, uma vez que apresenta características próprias, a saber, abordagem humorística e composição multimodal depreendida pelo uso da linguagem dos quadrinhos; recursos estes típicos do suporte onde o gênero é publicado: uma revista de quadrinhos.

Nesse sentido, além de multimodais, os guias são híbridos, porque se configuram a partir do gênero guia e dos gêneros dos quadrinhos. A título de ilustração, vejamos o “Guia ENEM fodendo” (Jackson 2011a: 31). Este guia refere-se à edição 2011 do pré-teste Enem – Exame Nacional de Ensino Médio, cujas provas ocorreram em outubro desse mesmo ano. Nessa edição, houve vazamento de questões. Foi divulgado que pelo menos nove questões do pré-teste haviam sido utilizadas em material de estudo do Colégio Christus, da cidade de Fortaleza. Tal acontecimento não só acarretou enorme confusão, como demonstrou uma série de problemas que a prova vinha enfrentando desde 2009, quando o novo modelo foi implantado pelo ministro da Educação Fernando Haddad.

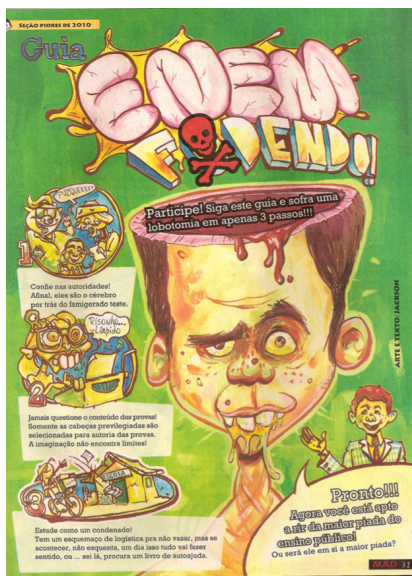


Figura 1 – Exemplo de guia ilustrado (Jackson 2011a: 31)

No exemplo acima, do gênero guia é possível observar a presença do discurso instrucional (de aconselhamento), caracterizado pela sequência textual injuntiva, na qual as orientações, sempre numa interlocução direta com o leitor, aparecem marcadas pelo uso de: verbos no modo imperativo, no futuro do presente do indicativo ou no infinitivo; pronome você(s); e orações exclamativas. É o que podemos ver em “**Estude** como um condenado!” e “Agora **você** está apto a rir da maior piada do ensino público!” (Jackson 2011a: 31).

Em se tratando dos gêneros dos quadrinhos, notamos no “Guia ENEM fodendo” (Jackson 2011a: 31) o predomínio do discurso humorístico e da sequência textual narrativa com diálogo; o uso da linguagem que mescla signos verbais escritos e visuais, como a presença de: imagens desenhadas; personagens caricatas (fixas ou não); balões que representam fala ou pensamento e linhas cinéticas que indicam movimento; cor (signo plástico); signos icônicos; sinais gráficos que realçam expressões; onomatopeias; léxico caracterís-

tico (diferentes níveis de fala); e marcas da oralidade (silabação, alongamento de vogal, marcadores conversacionais, entre outras).

No caso acima, verificam-se algumas dessas características, como a presença da linguagem verbal escrita e visual, o balão-fala, linhas cinéticas para representar movimento do corpo da personagem (orientação 3), uso de gíria e alongamento da vogal (“puzqueee!”) e cor (predomínio das cores da bandeira do Brasil, a saber, verde, amarelo, azul e branco, para representar o Enem – Exame Nacional de Ensino Médio – realizado no Brasil).

Ao examinarmos as edições da *MAD* impressas no Brasil em 2011 (n. 34 a 43), encontramos oito (8) exemplos de guias ilustrados, a saber:

- 1) Guia ENEM fodendo (Jackson 2011a: 31)
- 2) Guia para sair campeão de um reality show (Ramos *et al.* 2011: 40-41)
- 3) Guia *MAD* para carreira de pedinte (Caldwell 2011: 20-21)
- 4) Guia *MAD* da mesquinha moderna (Félix 2011: 26-27)
- 5) Guia *MAD* para disfarçar espinhas (Jackson 2001b: 26-27)
- 6) E aí? Como faço pra me virar na balada? (Jackson 2011c: 22-23)
- 7) Como fazer uma novela dazoitu de sucesso? (Nascimento *et al.* 2011: 34-35)
- 8) Como montar uma banda sem sair de casa (Amorim 2011: 30-31)

Como sabemos que nenhum texto é essencialmente neutro, os guias ilustrados da *MAD* podem ser considerados como potente fonte de discurso social, tendo em vista que ressaltam características bem marcadas de identidade e de direções culturais singulares. As instruções humorísticas, como veremos, formam opiniões, moldam costumes, edificam modos de vida. Antes de mostrar como isso ocorre, tecemos algumas considerações sobre a noções de identidade aqui perfilhadas.

3. IDENTIDADES SOCIAIS E CULTURAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A questão da identidade é abordada por diversas áreas do conhecimento, fato que revela a importância desse construto na compreensão das nossas práticas sociais. Em função disso e da necessidade de se estabelecer um diálogo interdisciplinar, neste texto consideramos a noção de identidade sob o viés dos Estudos Culturais, a partir de Hall (2006, 2007), e da Análise Crítica do Discurso, especialmente a partir dos pressupostos de Fairclough (2001) e Moita Lopes (2003).

No campo dos Estudos Culturais, a constituição da identidade pode ser vista considerando-se a análise que Hall (2006) faz do sujeito ao longo do tempo, qual seja, do Iluminismo à pós-modernidade. Para o autor, é possível apreender três tipos de identidade: a do sujeito do Iluminismo, que era totalmente centrado e dotado de razão; a do sujeito sociológico, constituído na relação com os outros³; e a do sujeito pós-moderno, o qual “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall 2006: 13), já que o sujeito moderno é fragmentado. Nesse sentido, a tônica posta por Hall (2006) é a construção dos sujeitos no discurso frente às práticas discursivas, em um processo de transformação e de mudanças na “identidade social”.

No capítulo intitulado “As culturas nacionais como comunidades imaginadas”, Hall (2006) trata das identidades culturais, em particular da identidade nacional. Segundo ele, ninguém nasce com as características de uma dada nacionalidade, estas são internalizadas quando se vive em meio a elas, em meio aos discursos produzidos por elas⁴.

Uma das estratégias discursivas que garante a construção de identidades culturais, segundo Hall (2006: 54), é o “conjunto de práticas que buscam articular certos valores e normas de comportamento

3 Neste caso, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (Hall 2006: 11).

4 Para Hall (2006: 50-51), “uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos”.

através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado”.

Ao nos levar a refletir sobre as relações entre identidade e globalização, o autor mostra que na pós-modernidade o processo de globalização, ainda que tenha tentado homogeneizar o mundo e integrar comunidades, criou algumas contradições. A homogeneidade leva ao fascínio pela diferença. Assim como há o interesse pelo “global”, há também o interesse por aquilo que é “local”. No diálogo entre o global e local são produzidas diversas identificações locais e globais. Logo, reafirmar o apelo a uma identidade nacional frente ao mundo globalizado, que tende a homogeneizar a cultura e as relações sociais, é também entrar em um terreno de negociações e movimentos de resistência em defesa de valores culturais particulares.

Para Hall (2007), há dois modos de entendimento dos processos que ocorrem nas identidades culturais. O primeiro diz respeito à cultura compartilhada, ou seja, as identidades culturais refletem as experiências históricas comuns que fornecem quadros estáveis, imutáveis e contínuos de referência e de significação na sociedade. O segundo refere-se aos processos de diferença significativa que constituem o “ser” e o “tornar-se” ao longo da história. Nesse caso, as identidades são objeto de transformações constantes. Em razão disso, o autor observa a necessidade de adequação do uso do termo “identidade” para “identidades” ou “identificação”, considerando que não há apenas uma identidade e a construção identitária é um processo em constante mudança.

No campo da Análise Crítica do Discurso (perspectiva que conjuga em suas análises as teorias sociais e da linguagem), as identidades podem ser estabelecidas nos e pelos discursos, de acordo com um projeto de dizer do falante\autor. Conforme Fairclough (2001), as identidades variam de discurso para discurso, ou seja, não existe uma identidade única, já que cada indivíduo representa discursivamente um objeto segundo a sua formação ideológica, suas crenças, sua cultura e, principalmente, sua intenção.

Nessa abordagem, é preciso ressaltar que a temática das identidades sociais está diretamente ligada à produção de discursos sociais.

O discurso é concebido como “um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros” (Fairclough 2001: 91). Desse modo, pelo uso da língua não só expomos valores e crenças, mas, também, refletimos nossa visão de mundo a partir da visão do grupo social ao qual pertencemos; revelamos modos de ser e estar no mundo, representações culturais, identidades sociais. Assim, as pessoas constroem significados agindo no mundo no /pelo discurso e, construindo-se, constroem os outros (seus interlocutores) também. Como bem lembra Moita Lopes (2003), o discurso tem papel fundamental na representação e na constituição da vida social, visto que aprendemos a ser quem somos nas práticas discursivas nas quais agimos e atuamos no mundo e com as outras pessoas.

Do exposto, convém salientar que as identidades não são tidas como uma condição, mas como uma marca simbólica que caracteriza os indivíduos como pertencentes a certo grupo. A construção das identidades e os elementos nela articulados estão intimamente vinculados às condições de existência, à cultura e às relações sociais nas quais o indivíduo ou grupo se encontra inserido.

Segundo entendemos, as identidades ou representações culturais e sociais estão diretamente ligadas ao processo de apreensão do mundo social, que se constitui por meio da linguagem. Logo, não só os atos de linguagem, mas, também, as formas de agir orientam o processo de apreensão do mundo social, tendo em vista que eles se dão na sociedade e são moldados por ela.

Em suma, as identidades sociais são construções que levam em conta aspectos que refletem indivíduos ou grupos. Assim, as representações sociais e culturais – sejam elas mais estáveis ou mais desestabilizadas – manifestadas nos discursos humorísticos dos guias ilustrados da *MAD* (edições de 2011) consistem em vetores potenciais de processos identitários de manutenção e/ou reconstrução de identidades do jovem e do Brasil, conforme veremos a seguir.

4. GUIAS DA *MAD*: ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO JOVEM

Admitindo, juntamente com Hall (2007), que as relações identitárias globais traduzem experiências comuns, cultura compartilhada, verificamos que alguns guias da *MAD* refletem modos de ser e de se comportar que identificam os adolescentes em geral, independentemente das variáveis gênero/sexo, escolaridade e classe social. Fato que leva a uma visão, estável e contínua, de referência e de significação do ser jovem na sociedade. Para ilustrar tais considerações, analisemos dois guias, a saber: o “Guia MAD para disfarçar espinhas” (Jackson 2011b: 26-27) e “Como montar uma banda sem sair de casa” (Amorim 2011: 30-31).



Figura 2 – “Guia MAD para disfarçar espinhas” (Jackson 2011b: 26-27)

O “Guia MAD para disfarçar espinhas” refere-se a um dado que marca a adolescência e que, de certa forma, caracteriza o adolescente em geral: as espinhas. Sem distinção de sexo, raça e tipo de pele, a acne atinge 80% dos adolescentes e deve-se basicamente “a alterações hormonais próprias da puberdade, período de transição

para a idade adulta caracterizado por uma lenta sequência de transformações no corpo” (Farias 2005).

Em função do impacto na aparência, as espinhas podem constituir um problema à medida que desencadeiam alterações psicológicas nos adolescentes (como baixa-estima, vergonha, timidez, depressão, agressividade, frustração, isolamento) e dificultam o contato social, fundamental para a formação da sua identidade. Levando em conta isso, a *MAD*, revista humorística que se dirige ao jovem, busca não levar o assunto tão a sério e oferece instruções/conselhos de como disfarçar o problema, como vemos em “Se o pozinho da sua ‘irmã’ já não disfarça as suas tenebrosas espinhas, você fatalmente sofrerá com o *bullying*. Ouça os conselhos da *MAD*. Claro, não resolvemos nada, como sempre, mas de fugir de zoação e surras no colégio, disso nós entendemos” (Jackson 2011b: 26).

As instruções de como agir com as espinhas propostas no guia revelam aspectos culturais e sociais tanto de ordem global quanto local, moldando costumes. Em “Simpatias e remédios caseiros são usados para dar uma amenizada nas espinhas, mas, geralmente, o efeito acaba sendo contrário” (Jackson 2011b: 27), por exemplo, há uma identificação de ordem mais global, tendo em vista que simpatias e remédios caseiros não se restringem à prática cultural específica de um país apenas, trata-se de uma prática geral. Já em “Nossos consultores de moda dizem que o bom e velho chapéu é uma maneira cheia de estilo para disfarçar essas nojeiras e, em noites de *Halloween*, pode render-lhe uma convincente fantasia de Fred Kruger” (Jackson 2011b: 26), observa-se uma identificação de ordem mais local, visto que o uso de chapéu para disfarçar as espinhas não é um costume de ordem global e o *Halloween* (ou Dia das Bruxas), embora seja mundialmente comemorado no dia 31 de outubro, consiste em uma festa típica que acontece nos países anglo-saxônicos, com especial relevância nos Estados Unidos.



Figura 3 – Guia “Como montar uma banda sem sair de casa” (Amorim 2011: 30-31)

As sátiras contidas nos discursos dos guias ilustrados da *MAD* tanto desvelam realidades culturais massificadas, como desnudam problemas sociais. No guia “Como montar uma banda sem sair de casa” (Amorim 2011: 30-31), por exemplo, mais do que ressaltar características identitárias dos jovens – como o gosto por bandas de sucesso do momento e o desejo de ter uma banda própria –, o guia mostra como certas condutas são alastradas culturalmente pela globalização, construindo padrões de comportamento e gosto.

Desse passo a passo, depreendem-se traços que singularizam o protótipo de “bandas de sucesso” e de integrantes de bandas de sucesso, como:

a) **o nome da banda:** “Tem que ser algo meio tecnológico, moderno e em inglês... talvez um Destart... F.U.C.K [Fãs Unidas Comendo kokô]” (Amorim 2011: 31);

b) **o conteúdo das letras das músicas:** “Coloque seus pensamentos desconexos em uma folha de papel. Escreva tudo o que der na telha, como a ‘falta que o dinheiro faz em um mundo onde não existe a liberdade de podermos roubar o direito autoral de alguém,

ié, ié!’. Depois de intermináveis versinhos podres recheados de ou-ou-ou, ei-ei-ei e ai-ai-ai, coloque umas jumentices como ‘fiquei te esperando no meu celular’, ‘como você e sua mãe também’ ou ‘você roubou meu beijo e meu chiclete’. Espalhe tudo no papel e está pronta a sua música de trabalho” (Amorim 2011: 30);

c) **o modo como os integrantes se vestem**: “Prefira as atitudes desesperadas e escolha camisetas de quando era bebê e que sua avó ainda tem guardadas. Elas te deixam com um ar jovial e o umbigo de fora” (Amorim 2011: 30);

d) **o modo como os integrantes usam o cabelo**: “Apenas jogue a gordura pra frente da testa pra dar a impressão que é uma franjinha bem fofa e na moda” (Amorim 2011: 31);

e) **as coreografias das músicas**: “Balance a bunda 17 vezes em cada direção até sentir um estranho formigamento subir pelas entranhas. Com o tempo começará a executar coreografias mais complexas” (Amorim 2011: 31).

Como se observa, ao destacar aspectos de bandas de sucesso e do comportamento de integrantes de bandas de sucesso, o guia revela práticas identitárias sociais e culturais.

5. GUIAS DA *MAD*: ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO BRASIL E DOS BRASILEIROS

Ao mesclar material nacional às adaptações e traduções, a versão brasileira da *MAD* passa a desvelar aspectos identitários nacionais frente à cultura popular americana e ao mundo globalizado. Os discursos presentes em vários dos guias ilustrados da *MAD* salientam, muitas vezes, valores culturais particulares.

Um bom exemplo disso são os guias “Como fazer uma novela dazoitu de sucesso?” (Nascimento *et al.* 2011: 34-35) e “Guia para sair campeão de um reality show” (Ramos *et al.* 2011: 40-41) que remetem a programas de televisão com grande repercussão no Brasil, a saber: as famosas novelas brasileiras que são transmitidas após as 20h e os *reality shows* Big Brother Brasil (exibido pela Rede Globo

b) **prudente:** “Não chegue dando cantadas em todas as garotas. Se você realmente estiver afim [sic] de se relacionar dentro da casa, é melhor estudar sua presa antes de se relacionar” (Ramos *et al.* 2011: 40);

c) **ignorante:** “Deixe seu QI de fora do programa” (Ramos *et al.* 2011: 41);

d) **sarado/a:** “Seja sarado/sarada/gostoso/gostosa” (Ramos *et al.* 2011: 41);

e) **definido sexualmente:** “Se você é transexual, travesti, transformer ou trans qualquer coisa, decida logo: ou você conta pra todo mundo logo de cara ou esconde o jogo até o final” (Ramos *et al.* 2011: 41);

f) **divertido/a:** “Faça palhaçadas, tente ficar sempre divertindo o público. Mas não exagere” (Ramos *et al.* 2011: 41);

g) **pau-mandado:** “Faça o que mandarem com vontade e felicidade” (Ramos *et al.* 2011: 41);

h) **contido sexualmente:** “Sexo nem pensar. Como nos filmes do Jason, quem transa dentro de reality show é eliminado assim que possível” (Ramos *et al.* 2011: 40).

Além disso, um campeão de reality show não pode ser fofoqueiro/a e é viável ter um relacionamento: “Arrumar um namorico dentro da casa é ótimo para chegar à final” (Ramos *et al.* 2011: 40).

Como se verifica pelos discursos do guia acima citados, esses traços, como uma “marca simbólica”, singularizam os indivíduos pertencentes a certo grupo; emolduram os participantes de reality show brasileiro, revelando identidades sociais e nacionais.



Figura 5 – Guia “Como fazer uma novela dazoitu de sucesso?” (Nascimento *et al.* 2011: 34-35)

No que tange ao guia “Como fazer uma novela dazoitu de sucesso?” (Nascimento *et al.* 2011: 34-35), a *MAD* revela, por meio das instruções, o modo de fazer novela brasileira. A recorrência aos temas, certas abordagens e a atuação dos atores, ainda que apresentados pelo viés do deboche, identificam esse famoso programa de televisão brasileiro que singulariza representações da cultura popular nacional, difunde costumes, formas de opiniões, padrões de comportamento, modos de vida, como vemos em

Pessoas felizes, famílias estruturadas, jovens cercados de amigos em balada e um monte de gente acompanhando e querendo saber sobre a vida delas. Não, não estamos falando de perfis e usuários do Orkut, mas parte do enredo de várias novelas. Muitos autores são considerados gênios por escreverem sempre a mesma baboseira mudando apenas algumas coisinhas.

(Nascimento *et al.* 2011: 34)

Outro guia que convém comentar, por revelar aspectos da construção identitária do Brasil, é o “Guia ENEM fodendo” (Jackson 2011a: 31), mencionado como exemplo na caracterização do gênero guia (figura 1 deste texto). Tal guia, como dito, remete à edição 2011 do pré-teste Enem – Exame Nacional de Ensino Médio, cujas provas ocorreram em outubro desse mesmo ano. Nessa edição, houve vazamento de questões. Foi divulgado que pelo menos nove questões do pré-teste haviam sido utilizadas em material de estudo do Colégio Christus, da cidade de Fortaleza. Tal acontecimento não só acarretou enorme confusão, como demonstrou uma série de problemas que a prova vinha enfrentando desde 2009, quando o novo modelo foi implantado pelo ministro da Educação Fernando Haddad.

Ao satirizar esse episódio a partir de atos discursivos irônicos, do tipo “Jamais questione o conteúdo das provas”, “Estude como um condenado! Tem um esquemaço de logística pra não vazar, mas se acontecer, não esquentar, um dia isso tudo vai fazer sentido, ou... sei lá, procura um livro de autoajuda” (Jackson 2011a: 31), o guia da *MAD* revela representações do sistema educacional brasileiro, principalmente a fragilidade das formas de avaliar o ensino no Brasil.

Nesse sentido, observa-se que o discurso humorístico manifestado nos guias da *MAD*, de forma crítica, flagra problemas sociais e culturais existentes em uma sociedade, como pode ser visto em “Pronto!!! “Pronto!!! Agora você está apto a rir da maior piada do ensino público! Ou será ele em si a maior piada?” (Jackson 2011a: 31).

Em suma, podemos dizer que os discursos dos guias ilustrados da *MAD* ressaltam práticas identitárias tanto dos jovens quanto do Brasil e dos brasileiros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise de guias ilustrados da revista *MAD*, edições impressas de 2011 no Brasil, verifica-se que os discursos contidos nas orientações de natureza diversa, flagram, por meio de um humor tosco e irreverente, práticas identitárias e representações culturais que

caracterizam, a partir de certos aspectos, o jovem e o Brasil. Nesse sentido, esse gênero multimodal e instrucional revela-se como fonte potente de discursos sociais.

Disso, concluímos que o efeito de sentido que emana do discurso humorístico pode levar ao questionamento sobre as práticas socialmente arraigadas em nossa cultura, sobre os modos de ser e se comportar, sobre as fragilidades do mundo, conduzindo-nos a refletir sobre a sociedade.

Convém destacar que as práticas identitárias, sejam elas nacionais, culturais, globais ou locais, são produzidas ou construídas socialmente, por meio de discursos que, ao serem produzidos e veiculados, constroem a memória discursiva de uma comunidade. Os sentidos produzidos são construídos numa relação de envolvimento entre sujeitos, levando-se em conta aspectos culturais e históricos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, Carlos Alberto da Costa. 2011. Como montar uma banda sem sair de casa, *MAD*, 42: 30-31.
- Borba, Francisco da Silva. 2002. *Dicionário de usos do português do Brasil*, São Paulo, Ática.
- Caldwell, João. 2011. Guia MAD para carreira de pedinte, *MAD*, 38: 20-21.
- Carmelino, Ana Cristina. 2011. Efeito de sentido humorístico e processo evenemencial, em V. L. Abriata, M. R. Momesso, M. Schwartzmann, *Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*, Franca, SP, Universidade de Franca: 53-71.
- Fairclough, Norman. 2001. *Discurso e mudança social*, Brasília, UnB.
- Farias, Alexsandra. 2005. Marcas da idade, *Revista Viva Saúde: a revista do bem-estar para toda a família*. Disponível em: <http://revistavivasau-de.uol.com.br/saude-nutricao/16/artigo9987-1.asp>.
- Félix, Chico. 2011. Guia MAD da mesquinaria moderna, *MAD*, 38: 26-27.
- Hall, Stuart. 2006. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, 11ª ed., São Paulo, DP&A.

- Hall, Stuart. 2007. *Identités et cultures: politiques des cultural studies*, Paris, Éditions Amsterdam.
- Jackson, Michael. 2011a. Guia ENEM fodendo, *MAD*, 34: 31.
- Jackson, Michael. 2011b. Guia MAD para disfarçar espinhas, *MAD*, 39: 26-27.
- Jackson, Michael. 2011c. E aí? Como faço pra me virar na balada?, *MAD*, 40: 22-23.
- Moita Lopes, Luiz Paulo da. 2003. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais, em L. P. Moita Lopes (org.), *Discursos de identidade*, Campinas, SP, Mercado de Letras: 13-38.
- Nascimento, Ísis e Doug Lira. 2011. Como fazer uma novela dazoitu de sucesso?, *MAD*, 42: 34-35.
- Ramos, João Pedro e Victor Freundt. 2011. Guia para sair campeão de um reality show, *MAD*, 35: 40-41.